



Antigos e Novos Sermões do Padre Cícero

Variante Cont. 2.1591

Aut: João Martins de Athayde

Editor: José Bernardo da Silva

A VIDA E NOVOS

Sermões do Padre

CICERO

Nascido para a igreja
criado para doutrina
mandado ao mundo por Deus
cumprir a ordem divina
ensinar aos irmãos
tudo que a igreja ensina

Nascido no Ceará
no mesmo Estado criou-se
no seminário de Olinda
aprendeu e ordenou-se
no serviço da igreja
de corpo e alma entregou-se

Francisco

Desde pequeno ele tinha
aquelas inspirações
desejava mesmo ter
a vida de privações
em criança seus brinquedos
eram missas e orações

Ele tinha 5 anos
era bem pequenininho
a noite a mãe procurou
não achou-o no bercinho
achou-o nos pés d'uma imagem
dormindo ajoelhadinho

Ela exclamou: meu filhinho
que planos são esses seus
todo mundo tem cuidado
porem não são como os teus?
disse ele: eu vim rezar
dormi e sonhei com Deus

Parece que a natureza
já tinha o predestinado.
ele aprendeu a doutrina
antes de ser ensinado
amava sempre a virtude
aborrecia o pecado

Enquanto ele pequeno
se com outro passeiava
de missas e confissões

Era em que ele falava
a doutrina de Jesus
ele sempre argumentava

Dizia aos outros meninos
ninguem deve se entreter
com as coisas deste mundo
que vão desapparecer
agora as coisas de Deus
foram, são e hão de ser

Parece que ele já veio
com destino ao Juazeiro
e trouxe escrito na fronte
diploma de conselheiro
o satanaz não sabia
da vida deste guerreiro

Depois da morte de Adão
o Eterno prometeu
Jesus pagar por Adão
a culpa que cometeu
daí a 4 mil anos
foi que o salvador nasceu

Nasceu como o mais humilde
que o sol na terra cobre
e nasceu nas condições
de 1 filho de qualquer pobre
mostrando que o desvalido
nasce como nasce o nobre

Trinta e trez anos na terra
pobremente aqui vivem
e sendo ele o mais rico
que neste mundo nasceu
queria dar o exemplo
como de fato nos deu

Ele querendo fazia
de um corvo 1 pássaro louro
transformava uma montanha
n'um grande monte de ouro
ele querendo fazia
de qualquer coisa 1 tesouro

Mas Cristo só veio aqui
dar testemunha a verdade
e nos mostrar que riqueza
só tem na Eternidade
e aquele que quiser
possuí-la há mais tarde

O padre Cícero também
faz a mesma imitação
pede esmola e dá esmola
é despido de ambição
e diz que a graça de Deus
é o verdadeiro pão

Diz ele: os homens ajunte
todos os tesouros seus
me dêem todos seus bens

Que sendo eles todos meus
eu daria tudo isto
por um sorriso de Deus

Diz ele: só neste mundo
o dinheiro é estimado
pelo homem ignorante
que vive aqui enganado
ouro e brilhante no céu
lá não o querem nem dado

E lá também tem negocio
de grande apreciação
lá o comercio é esplêndido
e há grande exportação
quem daqui levar virtude
troca pela salvação

Lá não há monte nem sombra
não há calor, não faz frio
é um jardim de delicias
um berço lindo macio
as fortunas são iguais
lá ninguém ver senhorio

E essa propriedade
qualquer um pode comprar
o proprietário dela
quer mesmo a negociar
qualquer 1 pode fazer proposta
e pode nela habitar

Mas para possuir uma
não há de ter presunção
amar a Deus e ao próximo
ser limpo de coração
não pode haver mais barato
do que essa habitação

O comprador faz a compra
sem precisar ter escritura
não há questão no negócio
a justiça lá é pura
lá só existe prazer
misericórdia e doçura

E assim diz o padre Cícero
esse pastor exemplar
que abre os trilhos do bem
entulha o caminho do mal
e nos ensina a seguir
ao reino celestial

Ele pergunta ao rico:
—Que fazes do teu tesouro?
olha teu irmão chorando
não ouves aquele choro
quando fores ao eterno
por venturas levas ouro?

Pergunta ao comerciante:
—Nãa te basta ganhar
esse pão de cada dia

Para teu filho passar
alem de venderes caro
roubas quando vais pesar

Um dia o fiscal de Deus
chegará em teu balcão
Examinará teus pesos
fará nele aferição
ai pagarás o roubo
que fizeste ao teu irmão

Pergunta ao rico avarento:
—Que fazes do capital
quando partires daqui
ao reino celestial?
ou julga por seres rico
não tem um dia final

Julgas que levas dinheiro
que lá bote advogado
se pensas assim meu irmão
já vês que pensas errado
no tribunal do eterno
não precisa de jurado

A policia não leva o réu
no dia do julgamento
não precisa testemunha
para dar depoimento
de tudo quanto o réu fez
no céu tem apontamento

Ali só fala o juiz
o réu conserva-se mudo
o juiz Omnipotente
descobrirá ali tudo
não precisa promotor
nem homem que tenha estudo

Deus te dirá: oh cruel!
não cumpriste o teu dever
me viste com tanta fome
não me destes o que comer
me viste morrendo a sede
me negaste o que beber

Não me destes um conselho
quando me viste errado
me negastes um vestido
vendo eu nú desamparado
nunca foste visitar-me
quando eu estive encarcerado

Na tua mesa só ia
aquele que fosse nobre
o pão que sobrava dela
è esse que te descobre
o que tú lançavas fora
porem não davas a um pobre

Me viste todo chagado
peregrino foragido
soltavas grandes rizadas

Quando ouvias meu gemido
escarravas com desdem
sobre meu corpo ferido

Ai tú perguntarás:
senhor! onde eu vos vi assim?
e ele severamente
te responderá enfim:
—O que se faz a um pobre
não é ao pobre é a mim

Então fala a homicida
o que fizeste assassino?
derramaste o sangue humano
com desvairado destino
como é que chegarás
aos pés do juiz divino?

O demonio com os seus anjos
estará encostado a ti
dizendo eu sou testemunha
de tudo que eu estava ali
Deus pergunta-te como foi
que responderás aí?

Negar não! assim o crime
torna-se peor mais tarde
tudo que se fez aqui
vai logo a eternidade
lá a mentira é um crime
Deus é espirito em verdade

Ele me perguntará:
pelo rebanho q'ê entregou-me
eu já temo pois parecia-me
que alguma cousa faltou-me
julgo que me descuidei
e o pecado cegou-me

Ah! meus irmãos esse dia
é de um ato temeroso
é um dia que se chama
de juizo rigoroso
o dia em que se arrepende
o arvarento orgulhoso

Dirá: vindo a mim meu filho
teu trono está preparado
desde o principio do mundo
ela estava aparelhado
pois cumpriste fielmente
o que por mim foi mandado

Porque me viste com fome
e me deste o que comer
eu estava morrendo a fome
me deste água a beber
eu estava nú me vestiste
eu preso foste me ver

Eu vagava foragido
no mundo desamparado
fui bater em tua porta

Com fome roto e molhado
abriste a porta disseste
—entrae meu irmão amado

Aí o justo dirá
senhor eu não estou lembrado
Deus! he diz: eu estava junto
de um pobre todo chagado
que tú levastes nos braços
para teu leito dourado

Não tiveste nojo dele
com carinho carregaste
como um pai leva um filho
nos braços tú levaste
com todo zelo e carinho
em tua cama botaste

Isso diz o padre Cicero
todos os dias prégando
irmão cuida em tua alma
o tempo vai se passando
para comer na velhice
em moço vai se juntando

O mundo nas nossas vistas
parece só ter doçura
mas na morte conhecemos
ele é um val de amargura
é a perdição da alma
é mal que nunca tem cura

Ele pergunta ao ladrão
--porque não vais trabalhar?
no dia que tú morreres
que o creador te chamar
dizer a Deus: fui ladrão
isso faz repugnar

Dos assassinos um ou outro
inda alcança salvação
porem quem rouba o alheio
esse não terá perdão
dêses só salvou-se um
que foi Dimas o bom ladrão

Pergunta ao homem casado
--quebraste o juramento?
tú casastes pois Jesus
assistiu o teu casamento
que conta darás a Deus
no dia do juramento?

Desposastes uma virgem
botaste-a na perdição
ela inocente não via
teu malva coração
se visse se livraria
desta prostituição

Ela podia ser digna
visto ser mulher casada
o marido despresou-a

ela viu-se abandonada
irá por tua conta
essa infame praticada

São mesmo assim os sermões
todos os dias pregados
então ele conta exemplos
antigamente passados
servirão como exemplo
aos que vivem errados

Os bispos não gostam dele
ignora-se a razão
tanto que ele não diz assim
não faz uma confissão
o bispo do Ceará
retirou-lhe provisão

Dizem que os padres não gostam
do padre de Juazeiro
é porque o padre Cicero
não aprecia dinheiro
e isso faz desgostar
outro padre interesseiro

Porque diz o padre Cicero
--eu planto milho e feijão
no ano que aja inverno
côlho safra de algodão
não preciso de tirar
um vintem de meu irmão

Dão cem mil reis de esmola
chega um necessitado
eu tiro dez dou a ele
sai ele arremidiado
dinheiro é para este fim
para que te-lo guardado

Daquele cem eu dou dez
inda ficaram noventa
chegam mais 3 eu dou trinta
inda sobram-me secenta
dar aos pobres empresta a Deus
já vê que o dinheiro aumenta

Para que quero dinheiro
para vê ele estragado
pela ferrugem comido
estar num canto amontado
se hei de da-lo á ferrugem
dou a um necessitado

Aquela esmola serviu
a mim e a quem me deu
ao pobre necessitado
a parte que recebeu
em que serviu o dinheiro
que o avarento escondeu

Não fez com ele uma esmola
não o emprestou á alguém
morreu e deixou guardado

Não se lucrou de um vintém
reconheceneo que a morte
não manda avisar a ninguém

Chega subtil como um sono
não diz eu chegei agora
igualmente ao o vil soldado
o rei tambem vai embora
ali não há que dizer
é cedo venha outra hora

O rico deixa o tesouro
o infantil a vaidade
deixa o esposo a esposa
deixa o amante a saudade
deixando tudo na terra
lá chega com brevidade

Peço desculpa ao leitor
se o verso for mal feito
não ha quem faça uma obra
que outro não bote defeito
só quem erra è o burro
o mais vai tudo direito.

Fim Juazeiro: 8-8-54

Preço 4 Cruzeiros

PROTESTO!...

Tendo ciencia de que alguêm procuram escrever e editar minhas numerosas trovas populares, de que sou exclusivo autor e proprietario, iludindo assim a bôa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protestei, e Registrei, contra a adsorpção dos meus direitos, ás quais estão saindo carimbadas com o n°. do referido Registro, que é o seguinte: Reg. 997 Livro B - 4 em Juazeiro do Norte assegurados pêlo Dec. Federal n°.26.675 de 18-5-1949. Fazendo valer os meus direitos oportunamente perante os tribunais do paiz, já tendo requerido as certidões de que trata o artigo 673 do referido Código.

Sirva este meu protesto, de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circunscrições da República a quem requeri não só apreensão como indenisação pelos danos causados.

Juazeiro do Norte, 27-7-1954

José Bernardo da Silva

962

PROTESTO!...

Tendo ciência de que alguém procura escrever e editar minhas numerosas trovas populares, de que sou esclusivo autor e proprietario, iludindo assim a boa fé dos meus freguezes e apreciadores.

Protestei, e Registrei, contra a adsorção dos meus direitos, ás quais estão saindo carimbadas com o n.º do referido Registro, que é o seguinte: Reg. 997 Livro B — 4 em Juazeiro do Norte assegurados pelo Dec. Federal n.º.26.675 de 18-5-1949. Fazendo valer os meus direitos oportunamente perante os tribunais do paiz, já tendo requerido as certidões de que trata o artigo 673 do referido Código.

Sirva este meu protesto, de aviso aos meus leitores e as autoridades de todas as circunscrições da República a quem requeri não só apreensão como indenisação pelos danos causados.

Juazeiro do Norte, 27-7-1954

José Bernardo da Silva
